



ELA ENSINA COM AMOR E CARINHO, MAS TODA ENFEZADA, DANADA DA VIDA”:

representações da professora na literatura infantil¹

Rosa Maria Hessel Silveira

RESUMO — *Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida: representações da professora na literatura infantil.* Quais as representações dominantes de professora encontradas na literatura infantil disponível às crianças brasileiras? Para responder a esta pergunta, o trabalho se debruça sobre um conjunto de 30 obras de literatura infantil, publicadas no país a partir de 1980, escolhidas entre aquelas em que o/a professor/a desempenha papel principal ou secundário. Analisou-se o discurso escrito dessas obras e, a partir das representações dominantes, apresentam-se as seções: 1. **Apresentando a escola** (análise de representações da mestra como elemento de um mundo escolar harmonioso), 2. **Quanto mau humor** (análise da faceta repressiva e destemperada das personagens professoras), e 3. **E surge a nova professora** (análise das obras em que, de forma quase programática, a professora é uma personagem delineada conforme o ideal do discurso pedagógico mais recente).

Palavras-chave: *representação, professora, literatura infantil, trabalho docente.*

ABSTRACT — *She teaches with love tenderness but mad and irritated.* Which teacher's dominant representations are found in the available children literature to the Brazilian children? To answer to this question, the work is based on a group of 30 works of children literature, published in the country starting from 1980, chosen among those in which the teacher plays a main or secondary role. The written discourse of those works was analyzed and, starting from the dominant representations, the sections are divided as following: 1. Presenting the school (analysis of the teacher's representations as element of a harmonious school world), 2. Bad mood (analysis of the repressive and moody features of the teacher's characters), and 3. And the new teacher appears (analysis of the works in which, in a pragmatic way, the teacher is a character delineated according to the ideal of the most recent pedagogic discourse).

Key-words: *representation, teacher, child's literature, teaching work.*

Num mundo tão intensamente povoado pela comunicação eletrônica, pela TV, pelo vídeo, pelos jogos eletrônicos, pelos sites e chats da INTERNET, pode parecer anacrônico levar a cabo um estudo que se debruce sobre a literatura infanto-juvenil para nela buscar as representações dominantes de professor e professora. Apresso-me, porém, a argumentar que, diferentemente do que possa parecer a quem se sinta cotidianamente invadido pela mídia eletrônica, a literatura infanto-juvenil ganhou nas duas últimas décadas, no Brasil, um extraordinário fôlego, que não parece vir sendo abalado. A partir de um quadro diagnosticado como de crise na educação brasileira, crise na capacidade/competência de leitura dos alunos e alunas, e de um prognóstico de “solução” apoiado na possibilidade redentora da leitura prazerosa, recreativa, a partir da própria literatura infanto-juvenil — diagnóstico e prognóstico esses articulados nos fins dos anos 70 e início dos 80 — a literatura infanto-juvenil sofreu uma explosão editorial e de consumo consideráveis. Sem que eu pretenda aqui discutir em detalhe tal radiografia e tal receituário², interessa-me apenas, para iniciar o presente trabalho, registrar a pujança dessa produção cultural e a sua penetração, no campo educacional, como símbolo da “atualidade” de ações educativas, quaisquer que sejam os seus âmbitos (desde o governamental até o particularíssimo da escola específica).

Cortejada pela escola e pelos professores e professoras, que representações de escola e de professores e professoras abrigará essa literatura? Que personagens docentes são esses que se movimentam nos coloridos livrinhos que circulam nas bibliotecas e salas de aula brasileiras? É para buscar pistas que delineiem a resposta a essas questões, que este trabalho foi elaborado.

Apresenta-se ele organizado da seguinte forma. Inicialmente, tecerei algumas considerações sobre questões básicas do tipo específico de produção cultural que é a literatura infanto-juvenil. Em seguida, delinearei o tipo de análise realizado para, após, apresentar as dimensões mais salientes que identifiquei no corpus examinado, através de alguns exemplos. Ao final, sintetizarei os principais achados, apontando áreas não estudadas e discutindo perspectivas de aprofundamento e expansão da análise.

Literatura infantil: que tipo de produção cultural é esta?

Se ao leitor e à leitora menos avisado/a não passa despercebida a explosão editorial dos livros dedicados à criança e ao adolescente, talvez lhe seja menos evidente a também expressiva produção ensaística sobre esse tipo de literatura. Desde que a produção ficcional para criança se expandiu quantitativamente, a reflexão sobre a mesma se incrementou, adquiriu um status universitário (antes não atingido), centrando-se ora em análises mais gerais do gênero literário ora na análise de obras particulares.

Entre os grandes temas discutidos pelos que se têm dedicado a tais análises, está o da chamada “assimetria” desse gênero literário que, historicamente, tem se

preocupado mais em ser “pedagógico” do que “literário”. A partir da consolidação da noção de infância, o “ensinar divertindo” (ou nem tanto) tornou-se a grande motivação das histórias para crianças, e tal função “utilitário-pedagógica” (Palo; Oliveira, 1986) ou a predominância desse “discurso utilitário” (Perrotti, 1986) vem marcando a literatura infanto-juvenil de maneira indelével, de tal forma que é impossível deixar de ver, constantemente, nessas obras, o adulto (que “sabe” ou se encara como “sabor”) pretendendo “ensinar” ou, ao menos, “formar” às/as crianças (que ainda não “sabem” ou “não estão formadas”).

Não se pode deixar de assinalar, entretanto, uma espécie de “virada temática e estilística” que teve lugar na literatura infanto-juvenil brasileira, a partir de meados dos anos 70, pela qual autores e autoras intencionalmente deixaram de se alinhar a um padrão moralista conservador, que pregava a obediência e a conformidade irrestrita da criança com os padrões sociais vigentes (desde normas de higiene até a adesão às “virtudes” estabelecidas), para plasmar suas produções por outros signos que chegavam ao imaginário da educação (advindos não só das teorias psicológicas, mas também de teorias pedagógicas, e, ainda, da transformação de costumes que sacudia as classes médias do mundo ocidental): a valorização da criatividade, da independência e da emoção infantil, o chamado “pensamento crítico”, e, como lembra Perrotti, a ênfase à “criança, ativa, participante, não-conformista”.

Se alguns autores, como o próprio Perrotti, acentuam esse divisor de águas, entre uma “velha literatura infantil”- rançosa, moralista, descaradamente pedagogizante... — e uma “nova”- libertadora, contestadora, “não-engajada”, polifônica... — e tal divisor fica muito evidenciado se cotejarmos livros da década de 50, por exemplo, com a produção mais atual de autores como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Ziraldo, Lygia Bojunga Nunes, entre outros — não se pode deixar de ter em mente que, como toda e qualquer produção cultural, os “novos” livros infanto-juvenis contêm representações — de sociedade, de criança, de comportamentos, de escola, de gênero, de raça, de idade... — que neles se manifestam através dos enredos, dos personagens, das soluções e caracterizações ficcionais (e isso se nos mantivermos apenas no discurso verbal). Zilberman (1985, p. 84) lembra-nos de que “seria ilusório este confinamento puro e simples da literatura infantil no terreno da arte literária”, alertando-nos para a miragem de uma literatura etérea e neutra (quanto mais se tratando de uma produção geneticamente marcada pela assimetria produtor/leitor), enquanto Perrotti (1986, p. 14) admite que, como autores, “continuamos comprometidos com a ordem formativa, só que agora promovendo, através de nossos textos, conteúdos sociais consentâneos com o momento”.

Acresça-se a essas perspectivas a constatação de que, num mundo capitalista onde as questões de mercado são imperiosas, o objeto “livro infanto-juvenil” — caracterizado como mercadoria a ser comercializada — freqüentemente se dobra ao que as editoras detectam como “interesses de compra dos clientes”, ou ainda, “interesse de compra dos que compram para os clientes”, já que, com freqüência, são mães, pais e professoras que escolhem e adquirem os livros infantis.

Apenas para finalizar esta breve seção em que procurei recuperar algumas das dimensões de discussão da literatura infanto-juvenil, trago a voz de conhecido autor de literatura infanto-juvenil que, em obra na qual elabora algumas reflexões sobre esse fazer, observa (Albergaria, 1996, p.94-5), de certa maneira condensando aquelas dimensões acima referidas:

Ao se debruçar sobre um papel em branco e imaginando as características de seu leitor, um escritor não se diferencia tanto de quem escreve uma carta. Acha-se sempre subentendida a presença do outro. Esse outro não está ao meu lado e quero chegar até ele. Tenho de captar sua atenção, lançar mão de mecanismos de sedução.(...) Se falo com crianças, jovens ou adultos, expresso-me de maneiras diferentes. Vou fingir que falo aquilo que querem ouvir, já que minha secreta intenção é seduzi-los. Na verdade, vou dizer o que eu quero dizer.

Os objetos de atenção

Definido na introdução deste trabalho qual meu interesse maior e esboçada uma caracterização da literatura infantil como produção cultural, deter-me-ei nesta seção a identificar os “objetos de minha atenção” para a resposta à questão das principais dimensões da representação da professora e professor na literatura infantil. Previamente, observo que o conceito de representação com que aqui vou trabalhar não é aquele que a toma em relação a uma realidade “verdadeira”, da qual se aproximaria com maior ou menor grau de fidelidade ou distorção. Alinhando-me a uma perspectiva pós-estruturalista, entendo a representação de grupos e sujeitos, como “formas culturais de referir, mostrar ou nomear um grupo ou um sujeito”. (Louro, 1997, p. 98). Complementando (idem, ibidem):

(...) as representações de professoras e professores dizem algo sobre esses sujeitos, delineiam seus modos e traços, definem seus contornos, caracterizam suas práticas, permitem-nos, enfim, afirmar se um indivíduo pode ou não ser identificado como pertencendo a esse grupo. Como formas culturais de nos referirmos aos sujeitos (e a nós mesmos), as representações nos dão sentido e certamente se transformam e distinguem — histórica e socialmente.

No rastro de tais representações, selecionei — de um acervo consideravelmente mais numeroso de pesquisa em andamento — 30 obras de literatura infantil que atendessem simultaneamente a três requisitos. Em primeiro lugar, pertencerem a um determinado padrão que chamo de literatura inicial, isto é, ou com pouquíssimo texto e muita ilustração, para leitores recém-alfabetizados, ou com um pouco mais de texto, mas ainda com tipos de formato grande e enredo não muito complexo, de forma que pudessem ser identificadas como leituras possíveis de alunos/as dos primeiros anos da escolaridade. Em segundo lugar, tais obras deveriam conter referências de alguma forma significativas à professora ou

professor, às vezes como personagem principal às vezes como secundária na trama (trama essa, inexistente em alguns casos). Não me restringi a autores brasileiros — o que era o intuito inicial —, principalmente por constatar que, nas prateleiras de supermercados e tabacarias brasileiras, se encontram, por vezes a preços irrisórios (podendo-se supor uma conseqüente comercialização), obras traduzidas que versam sobre escola. Assim, do total de 30 obras, 3, de forma clara, não pertencem a autores/as brasileiros/as.

Por último, já que não era meu intuito traçar qualquer itinerário histórico das representações de professoras e professores na literatura infantil, centrei minha seleção em obras datadas a partir de 1980, buscando um quadro de maior contemporaneidade de tais representações. Salvo a localização de 4 pequenos livros sem data de publicação, que, entretanto, foram adquiridos recentemente, a maioria dos 30 livros analisados foi publicada na década de 90, com alguns com data anterior. Em relação a autores e autoras, estão identificados 25 autores e 20 diversas editoras. Ainda que meu intuito não fosse fazer qualquer estudo exaustivo de toda a literatura infantil dos anos 80 para cá em que a personagem professora/professor dissesse presente, a apresentação de tais dados numéricos tem o objetivo de demonstrar que o estudo não se centrou em uma única vertente literária ou autor/a, mas buscou uma diversificação enriquecedora.

Quanto à sistemática de análise, no âmbito desse estudo, detive-me em uma espécie de leitura compreensiva — informada por noções suficientes de análise da narrativa e por estudos sobre a representação da mulher professora — com o foco no discurso verbal. Apesar da importância — nos livros de leitura inicial — da ilustração, vista como discurso visual paralelo ou complementar ou, mesmo, contraditório em relação ao texto escrito, os limites do presente estudo não me permitiriam uma incursão consistente nesta área.

Sem nenhuma preocupação taxonômica maior, que entendo que obscureceria meu objetivo maior, procurarei, nas seções seguintes, apresentar algumas facetas das representações dominantes de docente nos livrinhos analisados. Para facilitar tal tarefa, eles serão referidos por um número de ordem correspondente à lista que constitui Anexo deste trabalho.

Apresentando a escola?

Entre os livros com menos texto e mais gravura, há aqueles que, como o próprio título sugere, parecem se direcionar a uma certa “apresentação” da escola aos nela estreantes.³ São livrinhos de enredo frouxo ou mesmo sem qualquer nó dramático, em que a representação da professora de certa forma vai “a reboque” do tom neles predominante.

Alguns deles, enquadrando-se em uma vertente da literatura com antecedentes como a fábula e os contos de fadas, em que se utilizam personagens não-humanos mas, de qualquer forma, antropomorfizados, vão apresentar ora uma

escola de animais, a “escola da pata” (livro 22), povoada por animais escolhidos pela simplicidade dos padrões silábicos dos seus nomes (tatu, gato, perereca, mico, jacaré, sapo, etc), ora um “pingüim” que é aluno rebelde (livro 8), ou, ainda, uma “escola de alimentos” (a maçã e o amendoim são personagens, no livro 15). Os personagens da Vila Sésamo, numa tradução de inequívoca marca lusa, vão constituir o cenário de outra dessas obras (livro 17), enquanto outras quatro obras vão ser construídas com personagens humanos (livros 3, 9, 21 e 27). Breves citações servem para traçar o tom com que a professora é neles representada:

Dona Terezinha é uma professora super legal! Os alunos da 2ª série vão fazer uma surpresa para ela. (livro 27)

Minha professora me ensina tanta coisa... Às vezes eu penso que ela sabe tudo. Ela ensina com amor e carinho. Por isso que é tão gostoso aprender. (livro 3)
Tenho uma professora, d. Alice, que é muito legal! Nos ensina a ler, a escrever, a fazer contas, a desenhar e muitas outras coisas. Também aprendo a ser bom aluno e colega! (livro 9)

Mas vejam quem chega,/ escondido no chão!/ O bom professor / com a serra na mão./ — Socorro, me acudam! / Eu fui enganado! / Caí dentro d'água! / Estou todo molhado!/ E agora, Pepito,/ Aprenda comigo: / Seu mestre, amiguinho,/ É o seu grande amigo! / (livro 8)

Gosto de andar na escola. Gosto da minha sala e da minha carteira. Também gosto muito do meu professor, o Sr. Venâncio. Um dia ainda hei-de ser como ele. (livro 17)

Um dia chegou um papel importante, com ordens da escola da cidade. A professora leu no mesmo instante: “Semana da Campanha da Fraternidade”. (...) — Vou procurar uma história de verdade e as crianças e as crianças vão saber o que é fraternidade. Foi então que a professora descobriu uma história de verdade — A Maricota. Sentiu logo uma grande emoção e escreveu lindos versos, rimando. (livro 21)

O tom predominante de tais livros é o que se poderia chamar da harmonia da felicidade escolar, em que a professora (e, mesmo, o professor) se encaixa como peça ajustada. Modelo, objeto de amor, salvador (!)... o professor e a professora são mostrados sob uma luz favorável e amável.⁴ Não por acaso, duas obras, diferenciadas por editora, autora e ano, têm como temática a preparação de uma festa de homenagem à professora! (livros 3 e 27). Como complemento dessa visão harmoniosa de escola, cheia de amizade, amor, carinho e emoção, com professoras “legais” (o toque de atualidade da representação de professora parece emergir apenas no uso de tal adjetivo...), a criança aluna ou é levada a se localizar nesse paraíso de sorrisos ou é punida ao fugir dele (vejam o que aconteceu com o pingüim!).

Entretanto, tal representação paradisíaca e doce, predominante nos livros de pouco texto, não será hegemônica e, de certa forma, a professora será representada na literatura infantil por traços que são o avesso dessa representação.

Quanto mau humor!

Gritos, chilikues, acessos de ira (nem um pouco santa...), ordens descabeladas, toques de irracionalidade vão esboçar uma outra faceta freqüente na representação da professora, principalmente da mulher professora. Vejamos alguns desses quadros, pintados pela voz do próprio narrador:

Ela deu outros gritinhos, rebolou o corpo magrelo, piscou seis vezes os dois olhos e deu uma ordem: — Fora daqui com esse mamífero peludo, horrroso!(...) (livro 11)

Então um dia um menino da minha classe falou que também não ia entrar no vidro. Dona Demência ficou furiosa, deu um coque nele e ele acabou tendo que se meter no vidro, como qualquer um. (...) Mas Dona Demência não era sopa. Deu um coque em cada uma delas, e lá se foram elas, cada uma pro seu vidro...(...) E quebramos um vidro, depois quebramos outro e outro mais e dona Demência já estava na janela gritando — SOCORRO! VÂNDALOS! BÁRBAROS! (livro 24)

As professoras, nas classes, estavam ficando loucas. Por mais que elas gritassem, brigassem, ameaçassem de ter xilique, não adiantava. As crianças estavam impossíveis. A tia da 4ª série chegou a subir na mesa, prá ver se os alunos sossegavam, mas não tinha jeito! (livro 25)

A professora, zangada, não quer ser interrompida, responde, toda enfezada, muito danada da vida. (...) Dona Carola vem danada, com cara toda enrugada, atravessando a sala, briga, briga, fala, fala. (livro 20)

Agora era o professor que estava vermelho como um tomate. Vermelho e furi-bundo. Começou com ameaças. Primeiro anunciou um zero em comportamento. Logo pensou melhor e decidiu expulsá-la do colégio se não se recuperasse imediatamente. Era a sua autoridade que estava em jogo, e não estava disposto a tolerar que uma ranheta o expusesse assim ao ridículo, diante de toda a classe. Essa piralha já ia saber do que ele era capaz. (livro 23)

Já no princípio da aula / a professora Pureza / viu meu dever e implicou / Pregou o surpresa / espantada, petrificada / por pouco não desmaiou. (...)

Depois... / Leu “penico”, leu “paspalho” / e me espetou o compasso na mão / me deu um apertão no braço / um trompaço, um beliscão. (livro 28)

Várias observações podem ser feitas a partir da leitura dos trechos acima. Desta forma, se na primeira dimensão analisada, aponteí uma escola harmônica, em que a professora era vista como fonte e destinatária do amor — o que se pode ligar ao forte aspecto da “maternagem” docente — essa nova faceta, oposta à primeira, pode ser encarada como complementar àquela. Explico-me: a que gênero as representações correntes atribuem a freqüência do destempero, dos gritinhos, do “xilique”? Seguramente à mulher, à qual historicamente se associou a sombra da irracionalidade. Apenas um único personagem homem professor, entre os livros com enredo mais desenvolvido, desafiado por uma aluna (ver citação do livro 23) perde o controle emocional...⁵ Em uma das obras, da qual retira-

mos o primeiro trecho acima, encontramos outra passagem em que outra professora, assustada, efetivamente, desmaia.

Entretanto, os contradiscursos também ocorrem. No mesmo livro, em uma passagem em que a diretora da escola chama os dois únicos homens da escola (da secretaria e da cantina) para tentarem pegar o estranho animal que havia se refugiado na biblioteca, e eles se esquivam por medo, apresenta-se para a tarefa “uma professora, dessas que são pequenas de tamanho mas que agarram o bicho à unha”! E é bem sucedida!

Voltando às passagens tão freqüentes em que se retrata a ira das professoras (e as citações não foram exaustivas...), três observações ainda se fazem necessárias. Em primeiro lugar, pode se estabelecer alguma relação com o que Louro (1997, p. 105), ao lembrar as primeiras representações da professora, afirma:

Os almanaques e os jornais, bem como, eventualmente, algumas revistas escolares, traziam — ao lado de poemas de exaltação à sua abnegação — desenhos e caricaturas que as/os apresentavam como figuras carrancudas, severas (algumas vezes, as professoras pareciam quase bruxas vestidas com roupas longas e fechadas e utilizando uma vara para apontar o quadro-negro ou uma palmatória).

Se acima frisei que “alguma relação” podia ser feita, é porque tinha em mente que, se se comprova que a figura carrancuda, severa, “mã” da professora já tem uma tradição (só mais recentemente acolhida no discurso escrito da literatura infantil), por outro lado a contenção emocional e o controle de gestos de que Louro nos fala, em sua explanação posterior, já não encontram paralelo nas descabeladas professoras que esbravejam nos livros de literatura infantil, literalmente à beira de um ataque de nervos.

Também se deve considerar nessa análise a procura dos autores e autoras em construir enredos cômicos e humorísticos. O discurso sério, sisudo, reflexivo não tem tido guarida nem receptividade nesse tipo de literatura e, dessa forma, tomar a figura da professora como uma personagem ridícula no seu destempero é, sem dúvida, um recurso acessível ao/à autor/a que planeja contar com o reconhecimento e comunhão do/da seu/sua pequeno/a leitor/a (a caricatura de políticos ou lobistas na literatura infantil encontraria a mesma receptividade imediata?). Por fim, se lembramos, no tocante à chamada virada da literatura infanto-juvenil, o que Perroti (1986, p.128) identifica como uma tendência de “questionamento das relações de poder que conferem aos adultos autoridade indiscriminada sobre a criança”, as condições de emergência dessa representação parecem se encaixar. No cotidiano infantil, quem mais completamente tem representado o papel de autoridade, se não os pais e os professores, ou melhor, as professoras? Se a ridicularização, pelo exagero, pelo apelo ao grotesco, pela vingança discursiva, é uma forma eficiente de questionamento, e se ela se coaduna com uma intenção autoral de fazer rir, a emergência dessa representação é fácil de ser explicada.

Não posso deixar de registrar, entretanto, o quanto numa literatura que se pretende bastante programática⁶, no sentido do questionamento do socialmente convencionado — a autoridade, os papéis de gênero, o modelo de família nuclear, as etnias, a visão histórica antropocêntrica... — a marca do gênero, como construção social das diferenciações sexuais, aparece sutilmente colada à contestação da autoridade.

Como derradeiro registro dessa seção em que verifiquei o mau-humor professoral, chamaria a atenção para a dimensão do “discurso docente”. Traçado como incessante — *Dona Carola briga, briga, fala, fala...* (livro 20) — o aspecto torrencial desse discurso levou outro autor — numa alegoria sobre a escola em que os personagens são partes do corpo: aluno é o Orelhinha, a mãe é Mamãe-Olhos, o pai é Pai-Braço, etc (livro 16) — a nomear a primeira e odiada professora como Dona Língua:

Na fila, Dona Língua, professora antiga e a mais respeitada da escola, metralhava palavras. (...) Orelhinha não entendia toda aquela lingoboquidante incendiando ameaças.(...)

Dona Língua, armada até os dentes, começava o chá-de-língua costumeiro:

Porqueeufaçoporqueeudesfaço

Porqueeuqueroporqueeuñãoquero

Porqueeueueueueueueueueue...

Não apenas a verborragia, a incontinência verbal é utilizada nessa representação de professora, como também a diferença formal entre esse discurso e o do/da próprio/a aluno/a:

- Rodrigo, trouxe os exercícios da semana passada? — perguntou ela, cumprindo a promessa de cobrar.

- Eu truce, mas o di onti eu num consegui...

Nem acabou a frase e dona Marisa berrou:

- Repita: eu trouxe, mas o de ontem não consegui. (livro 13)

Zoé queria escrever alguma coisa bem bonita. Uma história bem comprida, cheia de palavras difíceis, como nível, desistência e proporcional, que tia Augusta, professora, vivia usando (...)

Ela sempre achava as redações de Zoé “excelentes”. Tanto na “correção gramatical” quanto pelo “conteúdo imaginativo”. Elogios que Zoé não entendia bem, mas que sempre lhe valiam boas notas. (livro 2)

Observe-se que essa cisão entre o discurso docente e o discurso dos alunos — tão repetidamente focalizada nos estudos pedagógicos da última década — é tematizada em dois livros distintos, ora com um enfoque negativo (adiante veremos como o livro 13 é profundamente marcado por uma intenção programática), ora com um enfoque menos severo.

E surge a “nova professora”...

É evidente que nenhuma produção cultural acontece num vazio textual e discursivo, sendo qualquer uma atravessada por variadas vozes, outros textos, de outros âmbitos, às vezes mais próximos, às vezes mais longínquos, e, nesse sentido, para além da representação de uma professora esquematicamente boazinha funcionando numa escola harmônica ou de uma mestra enraivecida a vociferar contra alunos rebeldes, podemos encontrar na literatura infanto-juvenil — como caixa de ressonância da mudança do discurso pedagógico das últimas décadas no Brasil — o esboço de uma “nova professora”.

Não só um perfil de nova professora emerge em novos livros, como, inclusive — num esquema literário interessante — a mudança de professora nas ações de um único enredo vai constituir tema desenvolvido. Exemplificarei os dois casos.

No livro 19, que começa, por sinal, com a frase “A professora Ivete Xavier tinha cada idéia!”, o desenvolvimento das ações se dá todo a partir de uma tarefa que deve ser cumprida pelos alunos. Abro um parêntese, neste momento, para registrar que, em qualquer das formas de representação que encontrei no conjunto de obras, a professora sempre é mostrada numa dimensão evidente de “aplicadora de tarefas escolares”, qualquer que seja o matiz dos sentimentos que são escolhidos para retratá-la. Mas, voltando à obra específica, a professora Ivete Xavier se propõe a ajudar os alunos que estão em recuperação, propondo-lhes uma tarefa diferente; no dia combinado, coordena a apresentação, sem ordens diretas ou xingamentos, mas através de perguntas injuntivas (*Quem vem primeiro aqui para a frente? Pode usar a lousa se quiser... quem vem primeiro?*); administra as provocações e o barulho dos estudantes e, compreensivamente, a timidez dos alunos; manifesta conhecimento acadêmico além do que o que os alunos expressam, e sabe reagir com presença de espírito às situações inesperadas. Embora meu intuito nessa análise não seja o de esquadrihar o discurso visual, não posso deixar de registrar que, nas ilustrações do livro, a personagem aparece tanto séria, intrigada, quanto sorridente, o que não é comum na maioria das obras. Ou seja: estamos diante de uma representação da professora que toda uma literatura pedagógica mais recente consagrou como ideal: “democrática”, flexível, com senso de humor, etc. Não deixo de lembrar Dalton (1996, p.102) que, ao examinar a imagem de “bom professor” e “boa professora” nos filmes americanos, identifica neles traços como: “O/a bom/boa professor/a envolve-se com os/as estudantes num nível pessoal, aprende com eles/elas (...). Algumas vezes esses “bons” professores ou “boas” professoras têm um agudo senso de humor.”

No caso do enredo acima, uma única professora “renovada” aparece na obra. Em outros casos, porém a substituição do velho pelo novo é tematizada. Vejamos.

No livro 7, a figura do aluno lento em seu aprendizado é apresentada através do personagem caracol chamado Lilito; sua primeira professora na escola, Dona

Aranha, com “curso de especialização” e “mestrado”, descrita como uma “boa professora”, desiste de ensinar a aluno habitualmente tão atrasado em relação aos outros, e o pobre caracol vai para a turma dos “atrasadinhos”, até que chega, para tal turma, uma “professora diferente”, dona Lúcia. E como era dona Lúcia?

...diferente por várias razões.

Primeiro porque era uma minhoca. E minhoca não tem cara de professora.

Diferente, porque trazia no rosto um sorriso do tamanho do mundo. Maior que o mundo: um sorriso do tamanho do coração dela!

Ela se chama dona Lúcia e era a própria luz de alegria, brilhando naquela escola.

E ela acreditava em idéias diferentes sobre o que é ensinar.

Ela acreditava que toda criança PODE aprender. É só ensinar do jeito certo.

E o difícil é descobrir esse jeito!

Não me alongarei na citação de todos os recursos de que a “nova” professora lançou mão, todos bem conhecidos de nós (contar histórias, reforçar a auto-estima dos alunos, eliminar a avaliação comparativa, etc), para que, ao final, Lilito aprenda. De certa maneira, pode-se ver na forma como se desenvolvem as ações da trama, a revalorização de certos atributos femininos da docência: a dedicação aos desvalidos, por exemplo, em detrimento dos cursos de pós-graduação que a professora fracassada fez...

Já no livro 16 — a alegoria com partes de corpo que viram personagens — dona Língua, a professora verborrágica, severa e castigadora, que nada obtém com Orelhudo, é substituída, depois das férias, por Dona Consciel (a referência à consciência é flagrante):

Novo ano escolar, nova professora: dona Consciel.

Alegre e amiga, mais ouvida do que falava.

Na classe de dona Consciel, todo dia era hoje e cada criança era ela mesma.

Não havia história fechada.

Todo aluno podia entrar e sair do texto, ser leitor e também personagem!

E por isso Orelhinha e seus coleguinhas sentiam-se animados a falar, a contar, a sorrir...

Incrível! Dona Consciel deixava caber tudo nas lições de classe: O cãozinho de um, o gato do outro, a casa da vovó, o circo da cidade!

A citação acima — apesar de ou por não ser Dona Língua — fala por si. A professora que abre a sua aula à participação do “universo cultural” de cada aluno é, sem dúvida, uma nova professora...

De todos as obras que tematizam a mudança de professores, entretanto, nenhuma está tão presa a uma representação da professora ideal dentro do discurso pedagógico construtivista, do que o livro 13. De certa maneira, ele poderia ser utilizado como livro-texto de professores que trabalhem com futuros alfabetiza-

dores e acreditem na eficiência pura e simples dessa receita. História bastante desenvolvida, trata-se da trajetória de um menino que vem do interior para a escola da cidade e lá encontra uma professora grávida, com os piores predicados: “grandona, feia, sabichona”, “azedada, sem sal nem açúcar”, freqüentemente “furi-osa”, corrigindo a sua linguagem, etc. A sorte do menino é que, com a licença gestante da titular, chega dona Celinha, a professora substituta, recém-formada, “professora por vocação” que contém todos os predicados e talentos imagináveis para ser a “nova professora”: incentivadora de leitura, boa contadora de histórias, sabedora dos segredos de uma alfabetização “moderna”, sem cartilha, com rótulos de produtos, por exemplo, tocadora de violão e cantora. Com isso, faz a capacidade do aluno desabrochar e temer pela volta de dona Marisa que, entretanto, volta transformada e disposta a se transformar com a ajuda dos alunos....

Outras representações, outros caminhos

Esses três campos utilizados para a análise — a harmoniosa escola inicial com a professora ajustada, o mau humor e a irritação da professora, a “nova” professora do discurso pedagógico — evidentemente não esgotam o potencial de análise do conjunto de trinta obras que esquadrimos, mas constituíram as suas facetas mais evidentes.

Outras vertentes poderiam ser trilhadas e aqui as citaremos brevemente. Saltou-me aos olhos a presença de uma outra personagem nesses panoramas de escola — a diretora ou o diretor. Se, por um lado, as personagens professoras mulheres são maioria nas tramas, sendo apenas um o personagem masculino professor relevante dos enredos — já na posição hierárquica superior, há mais equilíbrio: temos cinco diretoras e quatro diretores. Uma leitura prévia do papel desempenhado por tais personagens nos mostra que, se em alguns casos, eles compartilham da faceta raivosa da professora, na maioria das vezes, seu papel se reveste de um matiz magnânimo, conciliador, solucionador de conflitos... A que estaria associada essa representação mais positiva: a uma faceta hierárquica ou genérica?

Outros livros, entretanto, há, em que a figura da professora ou professor não chega a se constituir como um personagem, de um ponto-de-vista literário. Expli-co-me: sem nenhuma caracterização através de ações diferenciadas, inesperadas ou da atribuição de epítetos, muitas professoras aparecem nos enredos como meros cabides de ações corriqueiras. Como já comentei alhures, em outras tramas, seu papel, um pouco mais elaborado, se circunscreve à prescrição e cobrança das tarefas tradicionalmente escolarizadas. É freqüente, assim, entre tais livros, que se estabeleça como nó do enredo uma tarefa escolar a ser cumprida, o que desencadeia a seqüência de ações da(s) criança(s) personagem(ns).

Por outro lado, a questão do conhecimento escolarizado, a ser transmitido

pela professora e “aprendido” pelos alunos, ocupa um segundo plano em relação à questão dos sentimentos (amor, amizade, ódio, raiva...), o que faz sentido dentro do conjunto de livros escolhidos que não são, propriamente, paradidáticos, mas se pretendem mais “puramente literários”. Retomando a discussão já referida quando resgatei o grande dilema da literatura infantil — arte ou pedagogia? Discurso utilitário ou discurso estético? — parece-me evidente, após esse rápido percurso, a inexistência de algo que se possa denominar como “genuíno discurso estético”, em função não só do seu caráter de produção cultural como qualquer outra, como também da assimetria inalienável que tinge tal literatura.

Se as representações que identifiquei foram as que, de forma mais evidente, emergiram dessa leitura compreensiva que empreendi, outras não menos interessantes merecem, sem dúvida, um esquadramento. Dessa forma, a paixão do aluno pela professora — não a paixão filial, evidentemente — que é tematizada em dois desses livros aponta para um enriquecimento da representação da professora, não mais encarada como segunda mãe, amorosa, severa, brava, disciplinadora, amiga... mas na sua faceta, historicamente tão apagada, de mulher sexuada. Não por acaso, os livros 1 e 10, que abordam duas paixões de alunos por professoras, referem, ambos, as “roupas justas”, os “seios fartos” ou o “jeans apertadíssimo” das atraentes mestras...

Como tais representações, se entrecruzando com muitas outras, das novelas de TV, dos filmes e dos desenhos infantis, das histórias em quadrinhos (lembremos a presença constante da professora nas histórias de Chico Bento, de Maurício de Sousa), dos discursos cotidianos de casa, da escola e das rodinhas de amigos, vão se fixando nos âmbitos sociais e nas subjetividades desses pequenos leitores e leitoras, é tema complexo e fascinante, para a discussão do qual espero estar contribuindo com esse estudo.

Notas

1. O presente trabalho insere-se em investigação maior, realizada no NECCSO, Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade, do PPGEDU-UFRGS, durante os anos de 1997 e 1998.
2. Tal análise foi feita em maiores detalhes no artigo “Leitura, literatura e currículo”, que publiquei no livro de COSTA, Marisa (org.) *O Currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio, DP&A, 1998.
3. Poder-se-ia questionar a funcionalidade de tal discurso para crianças que, pela sua própria vivência, já têm representações de escola, de professora, etc. Entretanto, a tematização da funcionalidade da escola pela literatura infantil tem larga tradição, bastando lembrar as antigas antologias ufanistas em que o papel da escola como formadora de cidadãos era uma constante.
4. Exceção a essa tendência constitui o livro “Maçazinha vai à escola” (livro 15), tradução de original espanhol sem fonte devidamente identificada, onde a personagem principal, uma maçãzinha que foge da escola, é amarrada (!) pelo professor Amendoim, que ex-

plica à mãe a medida disciplinar: “— Pois é, dona Maçã, sua filha é muito indisciplinada, eu tive que amarrá-la, não quer ficar na escola.” Assim termina o livro, sem dúvida surpreendente para os padrões de educação infantil da classe média brasileira. Diferenças de cultura?

5. É forçoso registrar que trata-se de obra traduzida e podemos nos perguntar se um autor brasileiro ou autora brasileira esboçaria um enredo em que personagem masculino tivesse semelhante comportamento.
6. Estou me referindo, aqui, especificamente à vertente de literatura infanto-juvenil brasileira que, principalmente a partir dos anos 80, pretendeu quebrar tabus temáticos ao abordar — com “realismo” e simpatia — as diferenças de várias fontes, antes apagadas num discurso da harmonia, do funcionalismo social, da aceitação religiosa, etc.

Referências Bibliográficas

- ALBERGARIA, Lino de. *Do folhetim à literatura infantil: leitor, memória e identidade*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1996.
- COSTA, Marisa. *Trabalho docente e profissionalismo*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- DALTON, M. O currículo de Hollywood. *Educação e Realidade*. Vol 21 (1), jan/jun. 1996.
- KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira — história & histórias*. São Paulo: Ática, 1985.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação — uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- OLIVEIRA, Aurélio de. *Bicho Curioso*. São Paulo: Seed Editorial, s/d.
- PALO, Maria José; D’OLIVEIRA, Maria Rosa. *Literatura infantil — voz de criança*. São Paulo: Ática, 1986.
- PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- PINSENT, Pat. *Children’s literature and the politics of equality*. London: David Fulton Publishers, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1985. 4ª. ed.

Anexo — Lista de livros infantis analisados

- ABRAMOVICH, Fanny. *Segredos Secretos*. São Paulo: Atual, 1997.
- BAGNO, Marcos. *A barca de Zoé*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1994.
- BARBOSA, Nair de Medeiros. *Uma festa pra tia Lu*. São Paulo: FTD, 1993.
- CARR, Stella. *A porta do vento*. São Paulo: Pioneira, 1980.
- _____. Papo-furado. In: _____. *As confusões de Aninha*. São Paulo: Moderna, 1985.
- _____. *Os três incríveis*. São Paulo: Moderna, 1988. 15ª ed.

- COSTA, Sandra Diniz. *Lilito na escola*. Uberlândia: Edilit, 1997.
- FIUSA, Elsa. *Pepito, o pingüim*. Rio de Janeiro: Coleção Skindim, s/d.
- FORNAZIERI, Wanda S. *Viajando em casa*. Uberlândia: Edilit, s/d.
- FRATE, Diléa. *Histórias para acordar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GARCIA, Edson Gabriel. *Lambisgóia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Tantas histórias no escurinho da escola*. São Paulo: FTD, 1996.
- JOSÉ, Elias. *Uma escola assim, eu quero pra mim*. São Paulo: FTD, 1994.
- KSYVICKIS, Angélica. *De perto todo mundo é legal*. São Paulo: FTD, 1996.
- Maçazinha vai à escola*. Edipar: 1997.
- MAGALHÃES, Roberto. *Orelhinha Orelhudo: sabe nada, sabe tudo!* São Paulo: Ed. do Brasil, 1985.
- MUNTEAN, Michaela. *Quero ser professor*. Portugal: Editorial Verbo, 1992.
- NORONHA, Teresa. *Sopa de letrinhas*. São Paulo: Moderna, 1990. 10ª ed.
- OLIVEIRA, Aurélio de. *Bicho Curioso*. São Paulo: Seed Editorial, s/d.
- ORTHOFF, Sylvia. *Um pipi choveu aqui*. Rio de Janeiro: Global Editora, 1991. 3ª ed.
- PADILHA, Gilda Figueirêdo. *Maricota Risadinha*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. 2ª ed.
- PASSOS, Lucina Maria Marinho. *A escola da pata*. São Paulo: Scipione, 1991.
- REYES, Yolanda. *Terça-feira: 5ª aula*. São Paulo: FTD, 1997.
- ROCHA, Ruth. Quando a escola é de vidro. In: _____. *Este admirável mundo louco*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986. 2ª ed.
- _____. *A menina que aprendeu a voar*. Rio de Janeiro: Salamandra, s.d. 3ª ed.
- _____. *Alvinho, a apresentadora de TV e o campeão*. São Paulo: FTD, 1995.
- TENÊ. *O conjunto*. São Paulo: Ática, 1981.
- VASCONCELLOS, Cecília. *Prazeres do Pê*. Curitiba: Editora Braga, 1995.
- WEISS, Mery. *A mãe queria ser filha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- ZIRALDO. *Tia nota dez*. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

Rosa Maria Hesel Silveira é Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência:

Av. Nilo Peçanha, 1452, apto. 301
91.330-000 - Porto Alegre - RS
E-mail: rmhs@zaz.com.br